



TEREZAS DA VILA: QUILOMBO VIVO NA MARCHA DAS MULHERES NEGRAS

Flaviane Francisco da Silva¹

Solani Aranha Serraglio²

Chérrida Ferreira Coelho Barros³

Rinara Aparecida Alvares da Costa⁴

Rosane Duarte Rosa Seluchinesk⁵

Vilmar Alves Pereira⁶

Claudia Patrícia Rodrigues de Oliveira⁷

Lucas Mateus Faria Silva⁸

Introdução

Está escrita coletiva é um ato de escrivência que coloca no centro o protagonismo das mulheres quilombolas do Instituto Terezas da Vila. Valorizamos suas vozes, saberes ancestrais

¹ Professora da Educação Básica, Mestranda em Educação – Programa de Pós Graduação em Educação PPGEdu- Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Reys Maldonado (UNEMAT), Cáceres-MT. E-mail: flaviane.silva@unemat.br.

² Professora da Educação Básica, Mestranda em Educação – Programa de Pós Graduação em Educação PPGEdu- Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Reys Maldonado (UNEMAT), Cáceres-MT. E-mail: solani.aranha@unemat.br.

³ Graduanda em Ciências da Natureza- Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Campus de Vila Bela da Santíssima Trindade. E-mail: cherrida.ferreira@unemat.br.

⁴ Professora da Educação Básica, Mestranda em Educação – Programa de Pós Graduação em Educação PPGEdu- Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Reys Maldonado (UNEMAT), Cáceres-MT. E-mail: rinara.costa@unemat.br.

⁵ Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Professora Pesquisadora no Programa de Pós Graduação em Educação PPGEdu- Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Reys Maldonado (UNEMAT), Cáceres -MT. E-mail: rosane.rosa@unemat.br. Orientadora da pesquisa de mestrado em Educação PPGEdu.

⁶ Pós-Doutor Sênior - PDS CNPq em Educação (PPGEDU- UFRGS). Professor Pesquisador Visitante no Programa de Pós Graduação em Educação PPGEdu- Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Reys Maldonado (UNEMAT), Cáceres -MT. E-mail: vilmar.pererira@unemat.br.

⁷ Psicóloga e Bacharel em Direito. Mestranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado (UNEMAT), Cáceres-MT. E-mail: claudia.oliveira1@unemat.br.

⁸ Mestre em Educação, Doutorando em Educação- Programa de Pós Graduação em Educação PPGEdu- Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Reys Maldonado (UNEMAT), Cáceres-MT. E-mail: lucas.mateus.silva@unemat.br.



e experiências vividas, rejeitando narrativas externas sobre nós. Dialogamos aqui com os saberes populares quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade, com reflexões acadêmicas em fusão de horizontes, praticando humildade ontológica e escuta qualificada às mulheres que sustentam nossa luta.

À luz de Silva *et al.* (2025), infere-se que Vila Bela da Santíssima Trindade, no extremo oeste de Mato Grosso, não é apenas um município fronteiriço com a Bolívia: é um território sagrado de memória quilombola. Suas terras cercadas pelos biomas, Amazônia, cerrado e pantanal guardam os ecos do Quilombo do Quariterê /Piolho/Quilombo Grande (século XVIII), onde Tereza de Benguela, rainha negra, estrategista militar, tecelã de redes de solidariedade, governou uma das experiências mais emblemáticas de organização autônoma negra no Brasil colonial. Tereza, aprendeu a arte da resistência e construiu em seu quilombo uma sociedade matriarcal baseada em trocas solidárias, saberes ancestrais e governança coletiva.

Foi dessa herança que, em 2023, 11 mulheres e amigas quilombolas, vilabelenses se reuniram e fundaram o Instituto Terezas da Vila. O nome não é homenagem distante: é compromisso vivo de continuar o quilombo do Quariterê. Somos mulheres pretas, mães, professoras, dançarinas do chorado, do batuque de quilombo; somos netas e herdeiras de: benzedeiras, rezadeiras, batuqueiras, parteiras, cozinheiras, festeiras de Santos, lideranças comunitárias, todas marcadas pelo racismo estrutural que confina mulheres negras à invisibilidade.

O Instituto surge com missão clara: articular cultura quilombola, economia solidária e feminismo negro para construir bem viver identitária nas comunidades de Vila Bela. Nossas ações são diárias, pois temos o compromisso de fortalecer nossa identidade; participação ativa das nossas tradições como festanças, rodas de danças, vivenciamos a cultura e produtos quilombolas, formações com mestres locais dos saberes e outros.

Essa base nos permitiu, em novembro de 2025, responder ao chamado nacional da Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver. De 23 a 27 de novembro, 12 mulheres quilombolas (Ana Cláudia, Chérrida, , Czarina, Flaviane, Kamilla, Laura Cristina, Nilza Juliana, Reginaile, Solani, Taísa, Tiene e Valéria), de Vila Bela, por meio da organização do Instituto Terezas da Vila, cruzaram, juntamente com 6 ônibus fretados de Mato Grosso, organizada por diversas redes de organizações feminista do Estado de Mato Grosso, conectando Vila Bela → Cuiabá (Casa das Pretas) → Brasília (Granja do Torto/Casa Mídia



Ninja). Essa caravana não foi viagem: foi quilombo em movimento, atualizando as práticas associativas de Tereza de Benguela para o século XXI.

A Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver configura-se como um dos principais movimentos políticos de mulheres negras no Brasil contemporâneo, reunindo pautas históricas relacionadas à justiça social, ao enfrentamento do racismo e à construção de outras formas de existência. Nesse cenário, o Instituto Terezas da Vila, organização quilombola sediada em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), insere-se como sujeito coletivo que articula cultura, educação e economia solidária.

A participação do Instituto na Marcha representa a continuidade de práticas organizativas ancestrais, atualizando formas de resistência coletiva historicamente construídas por mulheres negras. Este relato apresenta essa experiência como expressão de organização social, política e cultural no campo da economia solidária.

Experiência do Instituto Terezas da Vila na Marcha das Mulheres Negras

O principal objetivo deste relato é descrever a experiência do Instituto Terezas da Vila na Marcha das Mulheres Negras como modelo de economia solidária quilombola e matriarcal, analisando como a ancestralidade e a cultura local moldam suas práticas organizativas. Busca-se identificar os resultados alcançados, desafios enfrentados e os sentidos políticos da participação na perspectiva de reparação histórica e bem viver comunitário.

A atuação do Instituto Terezas da Vila encontra ressonância nas concepções de Freire (1978, 2015, 2016, 2018, 2020) sobre a educação como prática de liberdade e a importância da "escrivência" como forma de empoderamento. A ideia de que a economia solidária já atua na tradição, cultura e modo de viver da comunidade vilabelense dialoga com a pedagogia freiriana, que valoriza os saberes populares e a construção do conhecimento a partir da realidade dos sujeitos. A busca pelo protagonismo e pela narrativa própria, "falado por os mesmos", reflete a essência da Pedagogia do Oprimido (FREIRE 2016), onde a conscientização e a ação transformadora são centrais. A organização coletiva e a gestão participativa, como praticadas pelo Instituto, são pilares para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, conforme preconizado por Freire em suas obras sobre política e educação.



Quilombos como economia solidária brasileira

Contrariando narrativas que reduzem quilombos a meros refúgios fugitivos, acreditamos que eles representam a uma das primeiras experiências sistemáticas de economia solidária no Brasil. O Quilombo do Piolho, liderado por Tereza de Benguela (1745-1770), operava complexo sistema de trocas solidárias que garantia sobrevivência frente ao genocídio colonial:

- **Trocas produtivas diversificadas:** roça coletiva (milho, mandioca, feijão), pesca no rio Piolho, criação de gado furtado, artesanato (cestaria, cerâmica)
- **Rede logística interestadual:** comércio com outros quilombos (Palmares, Ambrósio), troca de sementes, armas e informações
- **Governança matriarcal:** Tereza organizava "tribunais populares" para conflitos, comandava toras de guerra, dirigia cerimônias religiosas
- **Economia do commons:** terra como bem comum, trabalho associado sem hierarquia salarial, reciprocidade como moeda social
- **Saberes ancestrais:** saberes medicinais, benzimento, parteiras – base da saúde quilombola

Essas práticas não eram primitivas: eram resistência civilizatória contra o capitalismo escravocrata nascente. O Quilombo do Quariterê sustentou milhares pessoas por 22 anos, desafiando exércitos regulares.

Freire + Feminismo Negro

Paulo Freire oferece o arcabouço pedagógico para nossa *conscientização*. Sua "pedagogia do oprimido" dialoga perfeitamente com saberes quilombolas: o diálogo horizontal das rodas de conversa reproduz as assembleias de Tereza; a *leitura de mundo* atualiza a cartografia quilombola; a *práxis* é nossa própria existência associativa.

Integramos o feminismo negro interseccional de Lélia Gonzalez ("por um feminismo afrolatinoamericano"), Sueli Carneiro (interseccionalidade racismo-sexismo) e Djamila Ribeiro (estética da negritude), que reconhecem na organização quilombola a matriz do feminismo negro brasileiro.

Em meados de 2023, as amigas Ana Marciane, Chérrida, Darlen Karoline, Dilselena, Evelyn Juliane, Flaviane, Laura Cristina, Solani, Taísa, Tiene e Valéria; começaram a fomentar a formação de um coletivo para desenvolver suas próprias iniciativas que sempre fizeram parte



do cotidiano social vilabelense, com foco nas questões das mulheres negras, quilombolas e políticas públicas. As reuniões semanais, realizadas às quartas-feiras, serviam como espaço para dialogar sobre religiosidade, pertencimento, saberes quilombolas, parcerias e ancestralidade. Em julho de 2024, foi elaborado o estatuto do Instituto, que nasce da inquietação dessas 11 (onze) amigas quilombolas vilabelenses, mulheres pretas com um forte senso de pertencimento, que se recusavam a ser apenas "público para pesquisadores".

Em março de 2025 regulariza juridicamente com CNPJ 64.636.593/0001-60. O Instituto Terezas da Vila é uma organização social sem fins lucrativos, de base comunitária, com gestão coletiva e atuação no campo da cultura, educação e organização social. Sua prática está ancorada na economia solidária, com decisões tomadas de forma participativa e horizontal.

Marcha das Mulheres Negras

A participação na Marcha foi construída por meio de encontros formativos, rodas de conversa e mobilização comunitária. Durante dois meses, foram realizadas formações sobre racismo estrutural, ancestralidade, direitos e reparação, além de ações de arrecadação solidária que viabilizaram a ida de 12 mulheres quilombolas de Vila Bela a Brasília.

A Marcha das Mulheres Negras 2025 reuniu em torno de 300 mil mulheres em Brasília, maior concentração feminista negro brasileira pós-redemocratização. Seus eixos:

1. **Reparação:** Cotas raciais efetivas, demarcação terras quilombolas
2. **Bem Viver:** Agroecologia feminista, economia solidária
3. **Antifeminicídio:** Lei 14.188 criminalização racista
4. **Autonomia:** Financiamento direto a organizações de mulheres negras

Nossa organização em rede reproduz exatamente a lógica de Tereza: Desde a fundação, as atividades têm incluído formações e parcerias

Presença ancestral como potência política

Como manifestação política, o Instituto levou fotografias de suas ancestrais, transformando a participação em um ato de memória e afirmação identitária. Essa ação articulou dimensões culturais, espirituais e políticas, reafirmando a ancestralidade como base da organização coletiva. Não eram símbolos: eram *presenças invocadas*. Cada foto carregava sua história oral



A experiência evidencia que a organização do Instituto Terezas da Vila se insere no campo da economia solidária ao articular trabalho associado, gestão coletiva e valorização dos saberes tradicionais. A participação na Marcha reforça essas práticas, ampliando sua dimensão política e articulando o local ao nacional.

O uso das fotografias das ancestrais constituiu-se como um manifesto que rompe com a visibilização histórica das mulheres negras, afirmando suas trajetórias como centrais na construção das comunidades. A Marcha, nesse sentido, foi vivenciada como espaço de formação política, troca de saberes e fortalecimento coletivo.

Os resultados alcançados pelo Instituto Terezas da Vila, mesmo em seu curto período de existência formal, são significativos e multifacetados:

Entre os principais resultados, destacam-se o fortalecimento da identidade quilombola, a ampliação da participação política das mulheres do Instituto e o fortalecimento das redes de articulação com outros movimentos sociais.

A experiência também consolidou a ancestralidade como eixo estruturante das ações do Instituto, além de dar visibilidade às pautas de reparação e bem viver no território local. O caráter coletivo da organização mostrou-se fundamental para viabilizar a participação e potencializar seus impactos.

Os desafios enfrentados pelo Instituto Terezas da Vila, principalmente a escassez de recursos financeiros, são comuns a muitas organizações de base que atuam com políticas sociais e pautam-se em princípios de autonomia e protagonismo. A dependência de editais ou a dificuldade em acessar financiamentos sustentáveis pode limitar a escala e a continuidade dos projetos. No entanto, as potencialidades do Instituto são imensas. A força da ancestralidade, a coesão do coletivo, a riqueza cultural de Vila Bela e a resiliência das mulheres quilombolas são ativos intangíveis que impulsionam a organização. A capacidade de desenvolver projetos e de articular-se com outras instituições e movimentos sociais, demonstra um grande potencial de crescimento e impacto.

Como potencialidade, destaca-se a força da ancestralidade, da cultura quilombola e da atuação em rede, que ampliam a capacidade de incidência política e fortalecem o protagonismo das mulheres negras. A Marcha possibilitou a construção de novas perspectivas de atuação e reafirmou a luta por reparação e bem viver como horizonte político das mulheres negras.



Conclusões

A participação do Instituto Terezas da Vila na Marcha das Mulheres Negras demonstra a potência das organizações quilombolas no campo da economia solidária e da transformação social. A experiência evidencia que a luta por reparação e bem viver está diretamente ligada à valorização da ancestralidade, à organização coletiva e à produção de saberes a partir das vivências. Como perspectiva, destaca-se a continuidade das ações formativas e organizativas, fortalecendo o Instituto como espaço de resistência, produção de conhecimento e construção de alternativas coletivas. Nosso empreender não busca lucro, mas *vida*. Quilombo nunca foi empresa: foi território de dignidade.

Palavras-chave: Quilombo vivo. Tereza Benguela. Economia matriarcal

Referências

- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. Política e Educação. Organização de Ana Maria Araújo Freire. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- LACERDA, Thays de Campos. Tereza de Benguela: identidade e representatividade negra. Revista de Estudos Acadêmicos de Letras v.12 nº02, p. 89-96, 2019. ISSN: 2358-8403.
- SILVA, Lucas Mateus Faria; SELUCHINESK, Rosane Duarte Rosa; ZART, Laudemir Luiz; CASTORINO, Adriano Batista. **Capital de heranças: Vila Bela da Santíssima Trindade e seu cotidiano, reflexões sobre tradições quilombolas a partir de uma experiência etnográfica.** Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, [S. l.], v. 12, n. 30, p. 130–149, 2025. DOI: 10.55028/pdres.v12i30.21874. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/21874> . Acesso em: 12 abr. 2026.
- NOFRONT; MARCHA DAS MULHERES NEGRAS. *Manifesto Econômico da Marcha das Mulheres Negras 2025: Reparação e Bem Viver*. São Paulo/Brasília: Instituto NoFront; Marcha das Mulheres Negras, 2025.